



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WANDERSON DA SILVA SANTOS

**A EXPRESSÃO DO VAZIO E A ANGÚSTIA DO ARTISTA:** Arte e niilismo a partir da  
leitura nietzschiana

Juazeiro do Norte  
2019

WANDERSON DA SILVA SANTOS

**A EXPRESSÃO DO VAZIO E A ANGÚSTIA DO ARTISTA: Arte e niilismo a partir da  
leitura nietzschiana**

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Graduação em Psicologia do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio, como  
requisito para a obtenção do grau de  
bacharelado em Psicologia.

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa.

Juazeiro do Norte  
2019

# A EXPRESSÃO DO VAZIO E A ANGÚSTIA DO ARTISTA: Arte e niilismo a partir da leitura nietzschiana

Wanderson da Silva Santos<sup>1</sup>  
Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>

## RESUMO

O niilismo pode ser visto como uma corrente de pensamento que pressupõe o abandono de qualquer explicação metafísica do mundo. Enquanto a arte pode ser visualizada como forma adequada para entender esse fenômeno no sujeito moderno. No presente trabalho busca-se, através de uma pesquisa bibliográfica, relacionar ambas as questões utilizando a teoria nietzschiana como ponte para tal. Explorando as definições expostas por Nietzsche e construindo o percurso histórico dos escritos de diversos filósofos é possível perceber a relação entre a experiência artística e o advento do niilismo na Modernidade, com o que Nietzsche chama de a morte de Deus. Inicialmente apresentando a perspectiva dos gregos, passando pela visão religiosa da Idade Média, até os teóricos da Modernidade, é possível visualizar como a experiência artística toma papel fundamental na experiência humana como forma de lidar com a existência, o vazio e a angústia. Demonstrando, por fim, como a catarse estética permite lidar com o vazio existencial e a angústia na atualidade, seja por meio da contemplação ou da criação. **Palavras-chave:** Niilismo. Arte. Nietzsche. Vazio. Angústia.

## ABSTRACT

Nihilism can be seen as a current of thought that presupposes the abandonment of any metaphysical explanation of the world. While art can be viewed as an appropriate way to understand this phenomenon in the modern subject. In the present paper we seek, through a bibliographic research, to relate both issues using the Nietzschean theory as a bridge to this. Exploring the definitions expounded by Nietzsche and building the historical course of the writings of various philosophers, it is possible to see the relationship between artistic experience and the advent of nihilism in Modernity, with what Nietzsche calls the death of God. Initially presenting the perspective of the Greeks, going through the religious view of the Middle Ages, until the theorists of Modernity, it is possible to see how artistic experience plays a fundamental role in human experience as a way of dealing with existence, emptiness and anguish. Finally, demonstrating how aesthetic catarses allow us to deal with existential emptiness and anguish in the present, either through contemplation or creation.

**Keywords:** Nihilism. Art. Nietzsche. Emptiness. Anguish.

## 1 INTRODUÇÃO

Na filosofia nietzschiana, o niilismo, apesar de não ser tratado com total clareza dentro de seus livros, possui uma importância significativa na medida que o autor demonstra um pensamento muito voltado para a passagem por esse estado para que seja possível encontrar uma nova forma de significar a vida. Segundo Nietzsche, a morte de Deus na Modernidade

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. E-mail: wanderson.snw@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br

deixaria um vazio na condição humana construída na tradição metafísica, e após isso seria necessário o desenvolvimento de uma nova condição de vida, pautada em pressupostos criadores (NIETZSCHE, 1882/2008). Isso indicaria como o sujeito guia a sua própria vida e delinea seu percurso existencial, encontrando o real direcionamento da vida para o homem, fator discutido desde o início de civilizações como a grega ou da Idade Média.

A partir desta capacidade criativa, que pode ser melhor observada através das expressões artísticas, é possível identificar como o sujeito enfrenta a realidade da existência enquanto modo de construir seu propósito no mundo, entrando em contato com instintos naturais ou superiores voltados para a capacidade criativa do homem que, a partir daqui, desenvolveria novos valores para si em detrimento dos valores antigos construídos desde o advento das religiões, como exposto por Nietzsche (1882/2008).

Nesse sentido, as formas de expressão artísticas podem ser vistas como maneira de expor ideias, sensações e sentimentos, assim como disseminar tais ideias por uma via comunicativa acessível e subjetiva para cada um que entre em contato com essa forma singular de demonstrar seu eu enquanto ser no mundo, sendo uma via adequada para identificar as influências do pensamento na Modernidade. Enquanto que Nietzsche, por ser um autor que trata da questão do niilismo como um aspecto necessário na vida humana moderna, bem como, por abordar a importância da arte para se lidar com a existência, parece-nos um autor fundamental para estabelecer essa relação.

Tendo isso em vista e percebendo as atitudes do ser humano como guiadas através de uma ética e leitura filosófica da própria vida, o trabalho se justifica pessoalmente pelo interesse na temática após contato com leituras próprias dessa filosofia e pela percepção do tema como algo que permeia a sociedade contemporânea. Academicamente o tema do niilismo possui pouca literatura abordando suas características do ponto de vista psicológico, sendo um tema pouco explorado enquanto efeito no sujeito moderno. E socialmente ao abordar a problemática do pensamento niilista se permite visualizar quais caminhos e quais direções, tomam a vida da sociedade contemporânea baseada em pressupostos pautados nas ideias presentes nesta corrente de pensamento.

Inicialmente será apresentada a perspectiva teórica do niilismo a partir da visão de autores como Nietzsche (1844-1900), Heidegger (1889-1976) e Cioran (1911-1995), e em seguida será relacionada a visão filosófica a partir de algumas leituras clássicas e as dos autores niilistas com as formas de arte, o belo e a produção de formas de expressão artísticas. Abordando, por fim, como as expressões artísticas podem ser lidas enquanto modo de

subjetivação frente a uma nova forma de ser no mundo e tendo em vista o desenvolvimento do pensamento humano.

Assim sendo, partindo da problemática de como o pensamento niilista influencia as formas de expressão artística, o presente trabalho tem como objetivo geral expandir os conhecimentos acerca da influência da visão teórica niilista, como abordada por Nietzsche, com o intuito de identificar como ela pode indicar o direcionamento do desenvolvimento cultural humano presente na sociedade, usando como via para tal as experiências artísticas. E enquanto objetivos específicos, inicialmente a caracterização do niilismo nietzschiano e seus desdobramentos; em seguida a aproximação entre a filosofia e as formas de arte enquanto desenvolvimento histórico; e por fim, identificar como é lida, psicologicamente, a experiência artística, e junto à leitura nietzschiana do niilismo verificar como essa união se expressa na subjetividade.

Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica nos bancos de dados da Scielo, Google acadêmico e Pepsic, usando como descritores “Niilismo”, “Nietzsche”, “Filosofia”, “Arte”, “Modernidade”, “Estética”, “Psicologia” e “Subjetividade”, relacionando esses termos entre si para aumentar o alcance da pesquisa, bem como utilizando-se da leitura de alguns dos principais autores dessas correntes de pensamento. A pesquisa desenvolveu-se durante o período de março a novembro de 2019, e como critério de escolha dos artigos, foram selecionados artigos em português e que ao ler os resumos apresentassem ideias quanto ao que é o niilismo e a relação entre ele, ou a filosofia em geral, e as formas de arte, ou sua repercussão no mundo contemporâneo.

## **2 O NILISMO E O VAZIO EM NIETZSCHE**

O termo niilismo é frequentemente utilizado para designar um pensamento ou doutrina que nega toda sorte de realidade ou valor que seriam vistos como importantes, como, por exemplo, a crença em um valor para a existência e para a vida ou a crença em um mundo supracosmético. Sendo, por vezes, usado para se referir a uma espécie de fenomenismo, onde há apenas a aceitação daquilo percebido pelos sentidos por meio dos fenômenos (ABBAGNANO, 2007).

Ao que Heidegger (1939/2007) inicialmente apresenta, a primeira vez que o termo “niilismo” foi utilizado com cunho filosófico foi em uma carta de Fr. H. Jacobi para Fichte no ano de 1799, na qual Jacobi utiliza o termo como uma forma de idealismo. E em seguida, Heidegger indica como o termo niilismo teria sido disseminado por Turgenev que apresenta

um homem que, ao negar a ideia de um mundo suprassensível, aceita unicamente aquilo percebido através de seus sentidos, o que abre as portas para uma interpretação de mundo puramente positivista, como a interpretação vista através dos métodos científicos adotados no decorrer dos anos.

Porém, segundo o próprio autor expõe, para Nietzsche o niilismo não é visto apenas como uma forma de pensamento que expõe somente a crença naquilo percebido pelos sentidos, mas sim uma passagem de valores que a própria sociedade estaria superando. Ao surgir a ideia da morte de Deus na Modernidade, Nietzsche indica que os valores morais seguidos pelos homens antes de seu tempo estariam sendo abandonados, e visualizando seu próprio tempo, surgiria uma nova forma de pensamento que nega a ideia de um mundo metafísico, para uma nova perspectiva que abandona essa visão de mundo suprassensível e todos os seus valores para poder emergir uma nova forma de ver o mundo, com novo propósito não somente para a vida em si, mas também para as ideias presentes na contemporaneidade.

Araldi (1998), afirma o niilismo como um ponto de suma importância dentro do pensamento de Nietzsche, porém, também diz que não é possível encontrar uma definição ou caracterização precisa do tema nos escritos do autor, apesar de em alguns de seus livros e textos ser possível identificar uma caracterização do desenvolvimento no Ocidente, denunciando o niilismo como uma consequência para o percurso histórico tomado até então.

Um de seus poucos escritos em que Nietzsche deixa mais claro seu pensamento voltado para a questão do niilismo é o seu livro *Genealogia da Moral* (1887/2009). Neste livro, Nietzsche discute a questão da moral, do estabelecimento do bem e do mal e dos ideais ascéticos, citando algumas vezes a questão do niilismo, como na passagem:

[...] precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como o seu caminho sinuoso em direção a um novo budismo? Um budismo Europeu? A um – niilismo?... (NIETZSCHE, 1887/2009, online).

Neste trecho parece-nos claro como para Nietzsche o niilismo é uma doença que se alastra por toda a Europa moderna e da qual ele mesmo demonstra preocupação e discordância, já que no niilismo também estaria uma negação para a vida e aversão para o próprio homem.

E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos cansados do homem... (NIETZSCHE, 1887/2009, online).

Porém, em algumas de suas obras iniciais já é possível identificar algumas afirmativas que poderiam corroborar com a associação do pensamento de Nietzsche com o niilismo e sua tentativa de superar os valores até então supostos na sociedade. Por vezes, o autor discorre sobre temas como angústia e miséria de forma que é possível interpretar em seus textos a necessidade de se viver ambas as formas de sofrimento, até mesmo como um caminho para superá-las. Já em seu segundo livro *A Gaia Ciência* (1882/2008) tem-se passagens como a 19, “O mal”, em que o autor expõe como nenhuma árvore por mais alta que seja vive sem experienciar o mau tempo, continuando essa passagem com o trecho:

[...] se a hostilidade e a resistência do exterior, se toda espécie de ódio, de inveja, de teimosia, de desconfiança, de dureza, de avidez, de violência não fazem parte das circunstâncias *favoráveis*, sem as quais um grande crescimento, mesmo na virtude, poderia realmente ser possível? O veneno que mata o mais fraco é um fortificante para o forte – por isso ele não o chama de veneno. (NIETZSCHE, 1882/2008, p. 60, grifo do autor).

A partir dessa afirmativa supor-se-ia que seria necessário para o homem enfrentar a angústia e o desamparo como um caminho para tornar-se mais resistente ou resiliente frente aos sofrimentos decorrentes da vida, podendo também associar tal pensamento a uma forma de lidar com o desejo de nada presente no pensamento niilista, através da vivência deste para a criação de um novo propósito e resistência frente à angústia perene do vazio.

Também é possível extrair essa forma de pensamento de sua passagem sobre Epicuro, onde Nietzsche utiliza o filósofo grego como um exemplo de homem que transmite a tranquilidade de alguém que transcende os sentimentos de angústia: “Semelhante felicidade só pode ter sido inventada por alguém que sofria sem cessar; é a felicidade de um olhar que viu se apaziguar sob seu olhar o mar da existência [...]” (NIETZSCHE, 1882/2008, p. 80).

O filósofo romeno Emil Cioran, em seu livro *Breviário de Decomposição* (1949/2011), expõe suas ideias de como o homem nasce sem propósito algum para a existência, e isso transmite angústia para o ser. Segundo expresso, o indivíduo deveria abraçar o vazio de sua existência e o nada que carrega consigo, pois todo sujeito com paixões tem a tendência para a destruição e todas as formas de atitudes negativas e violentas, já que qualquer crença obriga o indivíduo a destruir qualquer um que se oponha a esta ideia.

Devido a isso, os únicos capazes de se livrar dessa forma de condenação à barbárie seriam os céticos, preguiçosos e os que não se guiam por nenhuma ideologia, já que os que não creem em nada, não seguem nada e não propõe nada também não desenvolveriam diversos preconceitos, pois veriam qualquer ideia livres de convicções e fervor. A busca por uma verdade serviria para corromper o homem que quando não pudesse encontrá-la, ou não a suportasse, se

remeteria à frivolidade, a religião e outras formas de evitar entrar em contato com seu verdadeiro eu, vazio e sem propósito.

Casanova (2012), afirma que no pensamento heideggeriano o niilismo caracterizaria um abandono do ser de si mesmo e isso aproxima a ideia de Nietzsche que a cultura ocidental chegaria ao niilismo como uma forma de desenvolvimento frente ao mundo moderno a partir do momento que é apresentada a ideia da morte de Deus, já que o indivíduo abandonaria a si mesmo enquanto sujeito constituído na ideia metafísica e entraria em um estado de transcendência dessa tradição anterior. Seguindo essa perspectiva, o indivíduo, ao abandonar aquilo construído culturalmente a partir das tradições metafísicas do homem do mundo platônico, entra em um novo estado onde o seu ser se encontra com o nada.

Segundo a ideia do próprio Nietzsche, a necessidade de um mundo metafísico, ou além do mundo o qual pertencemos, é uma consequência da tradição socrático-platônica que fez com que os sujeitos se acostumassem com explicações desse tipo. No momento que a religião já não é mais vista como pilar e esse costume é rompido, o indivíduo encontra o vazio: “[...] a destruição das ilusões religiosas deixa a impressão de um vazio angustiante e de uma privação.” (NIETZSCHE, 1882/2008, p. 163). Porém, devido a esse costume, mesmo após a queda da ilusão religiosa ainda permanece a necessidade de um mundo metafísico, mesmo que distante das explicações religiosas.

Como confirmado por Guervós (2018), a análise de Nietzsche sobre o niilismo é vê-lo como uma consequência do desenvolvimento histórico humano, partindo desde os tempos de Platão e seus pressupostos, tendo em vista o mundo como uma representação de um ideal em um plano não acessado pelo indivíduo. Ao abandonar tal visão encontrar-se-ia de frente o abandono dos valores e crenças, seria perdido o sentido e propósito da existência, o que ao ser visualizado na Modernidade é capaz de adoecer quando não se está pronto para essa visão.

Cioran demonstra um pensamento semelhante nesse aspecto pois, para o autor, os sujeitos não poderiam comparar sua existência com a imensidão do universo, já que ao aferir toda sua insignificância seria esmagado por esta tomada de consciência, por isso viver é estar eternamente cego para a dimensão de nossa própria existência. Tal pensamento indica como o sujeito ao entrar em contato com o vazio pode tornar-se adoecido por ter suas crenças esmagadas por uma visão de sua total invalidez perante a vastidão esmagadora do universo. Como expresso pelo autor, essa experiência “tornaria o indivíduo estéril”, como uma forma de dizer que estaria improdutivo e livre de ânimo, já que todas as ações dos homens são voltadas para alguma crença, ao nos livrarmos delas a motivação por trás de todas as ações no mundo seria aqui insípida (CIORAN, 1949/2011).

E seguindo esta ideia, essa nova condição representa uma nova forma de ser no mundo, uma forma onde o ser humano deve superar a si mesmo, encontrando aí um novo fenômeno de modo de se experienciar o mundo, pois encontramos alguém que teria como amparo existencial unicamente a si mesmo e sua condição presente, como afirmado que a única forma de ser superado é partindo de si mesmo, visualizando como uma possibilidade a transcendência do próprio homem partindo de si. Já que como indicado, Nietzsche considera-se o primeiro niilista perfeito da Europa, ao passo em que experienciou o niilismo e também o superou (GUERVÓS, 2018).

Como expresso por Araldi (1998), dentro da filosofia nietzschiana tem-se vários desdobramentos do niilismo partindo da sua concepção na Antiguidade, através da moral, até a morte de Deus na Modernidade, tendo em vista as consequências assumidas pelo percurso histórico tomado até então. Assim, o niilismo pode ser dividido em algumas categorias, como o niilismo incompleto, e o niilismo completo, sendo esse último onde o próprio Nietzsche se coloca.

O niilismo incompleto é uma forma de niilismo onde o sujeito ao entrar em contato com o vazio deixado pela morte de Deus não consegue ainda superar os valores, e devido a isso busca ocupar essa posição com outra coisa que dê sentido a sua existência, podendo ser a busca pela verdade da ciência, a moral, ou qualquer outra coisa que forneça um direcionamento para o ser humano. Já no niilismo completo, tendo em vista o vazio da morte de Deus, o homem não tentaria substituir esse lugar, mas ultrapassar os valores até então pressupostos, já que ele entraria em contato com a fraqueza e o esgotamento, percebendo sua direção ao nada.

Esse niilista completo, tendo entrado em contato com sua vontade de nada é também dividido em mais duas formas, o niilista passivo e o niilista ativo. No niilismo passivo o sujeito resigna-se frente ao vazio, não tendo mais vontade para guiar sua própria existência, prende-se ao nada e torna-se doente. O niilismo ativo é caracterizado pela vontade de criar e destruir, ponto que parece guiar para o niilismo do êxtase, e nessa nova visão o niilista não se prende aos valores e à moral, mas os destrói e supera, a fim de criar uma nova perspectiva, um caminho de existência onde há fundamentalmente a afirmação contundente da vida (ARALDI, 1998).

Em um de seus livros mais expressivos, *Assim falou Zaratustra* (1883/2011), Nietzsche aborda alguns conceitos principais de sua filosofia, através desse romance filosófico e da trajetória do sábio Zaratustra é possível identificar como o autor visualiza o abandono dos preceitos religiosos e o encontro com o vazio como um caminho para o estado de além-homem (“*Übermensch*” no original, também sendo traduzido em alguns escritos como super-homem

ou supra-homem), onde o sujeito ultrapassa os limites da existência sem propósito para criar para si novos ideais e valores.

Nietzsche aborda como o sujeito inicialmente tentou atribuir sentido para sua existência através da criação de valores, afirmando o propósito da criação como um fator primordialmente humano, que seria então responsável pela atribuição de um valor para a vida:

Valores foi o homem que primeiramente pôr nas coisas, para se conservar – foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem”, isto é, o estimador. Estimar é criar: escutai isso, ó criadores! O próprio estimar é de todas as coisas estimadas, o tesouro e a joia. Apenas através do estimar existe valor: e sem o estimar seria oca a noz da existência. Escutai isso, ó criadores! (NIETZSCHE, 1883/2011, online).

Nessa passagem tem-se visível como o autor aborda a questão dos valores e como estes são de origem puramente humana, inclusive como uma tentativa de conservar-se de algo, podendo ser interpretado como uma conservação frente a uma existência despropositada e oca, sem nenhum direcionamento pertinente para si. Porém, com a Modernidade e queda dos valores cristãos criados para dar sentido a essa existência, novamente o ser humano iria de encontro ao vazio, estando assim, novamente desamparado como em sua gênese.

Esse novo encontro com o nada toma sua resolução na vontade de poder de Nietzsche pois, como abordado por Casanova (2012), na medida em que o sujeito se encontra com o nada de seu ser, também direciona sua existência para um devir, ou seja, uma possibilidade futura. Essa possibilidade estaria ligada a vontade de poder ao passo em que esta possibilitaria a ele construir um novo direcionamento ou, talvez, até mesmo um novo propósito, o propósito da criação.

Tal ideia de superação dos valores passados e a abertura para nova forma de ser no mundo, pode ser interpretada a partir do conceito da vontade de potência, um dos conceitos principais dentro da filosofia de Nietzsche, como apresentado por Heidegger (1939/2007). A vontade de potência não somente indica a transvaloração dos valores apontados até então, mas também inicia o ciclo do poder enquanto possibilidade e capacidade, já que esse poder busca alcançar mais possibilidades para o homem.

Assim sendo, o poder poderia ser visto como uma capacidade constante de ampliar as possibilidades desse sujeito frente a realidade, uma força que direciona o indivíduo para os seus impulsos mobilizantes. Nesse sentido, buscar-se-ia sempre uma nova possibilidade frente à existência, novas formas de mover-se, o que vai de encontro com a resignação do nada apresentada anteriormente e direcionando, finalmente, para aquela capacidade de destruir e criar presente no super-homem.

Nesta nova perspectiva, o ente mostra seu domínio sobre o ser do nada pois ele apresenta uma possibilidade de direcionamento para um algo. Este algo não seria limitado pela tradição metafísica da cultura ocidental baseada nos preceitos cristãos, mas estaria aberto à infinita possibilidade da criação por si mesmo, essa vontade vinda diretamente do próprio ente possibilita o vislumbre de novos horizontes para a existência do ser, enquanto sujeito de capacidade criativa que também pode ser capaz de construir para si uma nova existência (CASANOVA, 2012).

Como Nietzsche aborda: “Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação.” (NIETZSCHE, 1883/2011, online). E partindo desse pressuposto, o propósito de criação assim como a capacidade criativa poderiam ser melhor visualizados nos artistas, que guiam sua vida com o propósito de sempre criar algo partindo de suas experiências, não somente boas, como também seus sofrimentos, fator que será abordado a seguir tendo em vista o desenvolvimento do pensamento humano até o reencontro do vazio pelo sujeito.

### **3 A FILOSOFIA DA ARTE**

Em relação às artes e a estética, diversos autores e teóricos já discutiram a questão dos conteúdos abordados através delas e até mesmo a relação com diversos outros âmbitos da experiência humana. Aqui serão utilizados alguns autores observando o período histórico em que se encontram e alguns conteúdos que abordam.

Com os gregos, iniciando com Platão por demonstrar a relação da arte com uma espécie de moral em seus conteúdos. Enquanto Aristóteles discute a experiência obtida através do conteúdo das obras, mesmo quando esses conteúdos são aversivos. Já na Idade Média, Tomás de Aquino discute a relação das artes com Deus e como a produção artística não pode ser o fim da experiência humana. Na Modernidade, Schopenhauer pode demonstrar como pela primeira vez surge o desejo de nada, inclusive na experiência estética. Nietzsche, enquanto ponto angular deste trabalho, discute a estética enquanto contato com uma experiência primordial. E, já posterior, Walter Benjamin expõe uma crítica a mudança dos conteúdos artísticos e demonstrando até mesmo um retorno a questão da catarse de conteúdos aversivos.

Porém, antes de apresentar a visão desses autores acerca da produção artística, cabe ressaltar outro ponto importante: oposto a perspectiva cristã que atribui valores e sentido à existência, o niilismo ao ir ao encontro do nada aparenta mudar a visão do homem que, agora sem as lentes da moral, passa a entrar em contato com uma nova perspectiva frente ao mundo,

onde aborda tudo aquilo antes renegado. O contato com o feio, o grotesco, sofrimentos, angústias e toda espécie de característica que anteriormente não era bem vista, agora é não apenas visualizada como também abordada. Vista como a verdadeira forma da existência, vazia e sem propósito, as atitudes humanas e seus desdobramentos, assim como as tentativas de fugir ao contato com a realidade, podem ser lidas através desses sentimentos de angústia.

Como pode ser interpretado por essa passagem de Nietzsche (1882/2008) onde ele diz: “A decisão cristã de achar o mundo feio e mau tornou o mundo feio e mau.” (p.154). A partir disso, a queda dos preceitos cristãos traz à tona todas essas características feias e más, porém, como será apresentado, essa decisão advém de antes do cristianismo, partindo desde a era grega.

Ressaltaremos agora a visão de diversos autores acerca da arte, seguindo um breve percurso histórico, para demonstrar como a leitura de Nietzsche da queda da moralidade até o surgimento do vazio da Modernidade pode ser observada tendo em vista o desenvolvimento do pensamento humano.

### 3.1 PLATÃO (427 a.C. – 347 a.C.)

Ao se ler a visão de Platão (2012) sobre a questão das artes é possível visualizar não somente uma preocupação com a estética da produção, mas principalmente com o conteúdo dessa, abordando principalmente uma visão política de como as formas de arte poderiam vir a influenciar os jovens de sua época, tendo em vista os propósitos políticos da cidade e as questões morais da forma como poderiam ser transmitidas como especificado nas leis de sua época e lugar.

Em seu discurso é apresentado como interpreta as expressões dos poetas e dramaturgos como uma forma de imitação da realidade, tendo em vista a linguagem usada e a necessidade de demonstrar o que se precisa expressar sem o uso de narrativas. A poesia e as tragédias, bem como as comédias, seguiam um caminho onde os autores destas, por vezes, tomavam o papel do personagem para representar aquilo que queriam significar. Não como alguém que presenciou o ocorrido, mas como a pessoa que atuou diretamente nos fatos, não importando se esse fato era real ou imaginado.

E por achar que as formas de arte representavam justamente o falso e a imitação, deveriam ser reguladas pela pólis para decidir quais assuntos poderiam ser tratados e a forma como deveriam ser tratados, ou seja, se poderiam os artistas de sua época abordar questões como justiça, ética e política, e caso o possam, se poderiam fazer tomando o papel de quem buscavam representar.

Já partindo da visão de controle político dos assuntos tratados através das artes, é abordado como os poetas deveriam abordar apenas assuntos que considerassem pertencentes “aos bons costumes”, para que assim não desviassem os jovens do caminho bem definido pela ética e dos costumes estabelecidos pela moral da cidade para que não representem “[...] o vício, a intemperança, a baixeza, a indecência, [...] ficando proibido de exercer sua atividade entre nós quem não puder obedecer essas determinações?” (PLATÃO, 2012, p. 25-26).

Acreditando como a censura dos poetas poderia ser benéfica para a juventude o autor expressa os conteúdos a serem abordados através de suas obras:

[...] só devemos procurar os artistas felizmente dotados e capazes de descobrir por toda a parte o rastro do belo e do gracioso, para que nossos jovens, à maneira dos moradores de lugares sadios, tirem vantagem de tudo e que apenas as impressões de coisas belas lhe possam atingir os olhos ou os ouvidos, tal como se dá com a brisa benéfica que sopra de uma região salubre, e os levem, desde a infância, insensivelmente, a amar e imitar os belos discursos e a se harmonizarem com eles. (PLATÃO, 2012, p. 26).

Com isso, esperava-se que os jovens aprendessem a distinguir as coisas boas e ruins, levando assim a um desenvolvimento adequado e propício para a sociedade grega da época. Essas questões abordariam a educação de diversas outras profissões, como os soldados, para que assim não se pusessem a reproduzir maus costumes derivados da imitação ou da exposição dos sujeitos a tais questões. Como afirmado:

[...] passa a elogiar as coisas belas e a acolhê-las alegremente na alma, para delas alimentar-se e tornar-se nobre e bom, e a censurar, com toda a justiça, o feio, dedicando-lhe ódio nos anos em que ainda careça de entendimento para compreender a razão do fato; mas, uma vez chega a razão, dar-lhe-á as boas vindas com tanto maior alegria, por se lhe ter tornado familiar em todo processo de sua educação. (PLATÃO, 2012, p. 26).

Nestas passagens, é visível como a visão platônica de moral já está inserida na sociedade grega e como isso é visto como uma forma de se ter um bom aprendizado e um caminho para se desenvolver jovens bem-dotados para os costumes da cidade em questão. Ao abolir as questões referentes ao que é feio e a imitações que considerassem impróprias também parece ter influenciado na visão de outros teóricos depois deles.

### 3.2 ARISTÓTELES (384 a.C. – 322 a.C.)

Em Aristóteles (2012) continua sendo abordado como as formas de arte partem da imitação, porém agora o autor expressa como elas são usadas para representar os homens, de forma que não segue fidedignamente como o realmente são, afirmando inclusive: “Pois a

mesma diferença separa a Tragédia da Comédia; procura, esta, imitar os homens piores, e aquela, melhores do que eles originalmente são.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 34).

E a partir disso, tem-se a visão de como as artes a partir de sua forma de expressão podem por vezes elevar ou rebaixar a condição do homem. Porém, mais significativa é como Aristóteles aborda como os homens sentem prazer ao contemplar as coisas feias quando representadas artisticamente. Segundo o filósofo grego, a questão da imitação não somente é natural aos homens como tiram disso algum prazer, mesmo que seja referente a algo que antes ver-se-ia com repugnância.

“nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, [as representações de] animais ferozes, e [de] cadáveres.” (ARISTÓTELES, 2012, p.35, interpolação do autor). Tal afirmativa, para o autor, sugere uma forma de discorrer sobre aquilo contemplado e explicar como surge o fascínio por esses conteúdos. Porém, cabe ressaltar como esta pode ser a primeira indicação do homem frente a sua natureza destrutiva como abordada por outros autores posteriormente.

Outro ponto igualmente relevante, é que para o autor enquanto contemplando tanto novas formas de expressão e imitação, quanto às ações elevadas, geram no sujeito que contempla emoções, que por vezes podem ser contraditórias, sejam elas emoções boas ou ruins, como piedade e terror, para purificá-las. Essa forma de abordar as emoções geradas a partir da contemplação de formas artísticas para eliciar uma catarse, também pode ser interpretada como uma maneira de entrar em contato com algo que normalmente é evitado dentro da experiência do sujeito, que seja a totalidade das emoções da experiência humana.

### 3.3 TOMÁS DE AQUINO (1225 – 1274)

Já na filosofia de Tomás de Aquino (1264/2012) vê-se ainda a contemplação da questão do belo, agora, porém, através de uma visão completamente religiosa. Analisando o belo enquanto uma forma de contato com o mundo advindo da criação divina, temos o contato com uma tradição que aborda os homens enquanto seres elevados devido a sua inteligência, tornando-o superior a outras criaturas.

O autor afirma que o fim da propriedade artística é a produção de novos objetos, mas que, porém, a arte não pode ser o propósito final para a existência humana pois tudo está submetido a esses. E para tanto, a felicidade humana deve advir de outro propósito, a que possivelmente seja a contemplação de Deus, único ao qual os seres racionais são submissos: “Os objetos fabricados são os fins da atividade artística; eles não podem ser o fim último da

vida humana, já que, bem ao contrário somos seu fim: tudo está, de fato, a serviço do homem. Não é possível, portanto, que o agir próprio à arte seja a felicidade última do homem.” (AQUINO, 1264/2012, p. 62).

Para o autor, o belo e o bom são ambos a mesma coisa e estes advêm da relação que se tem com Deus, já que há uma semelhança entre todas as coisas boas e justas com ele, enquanto ser máximo de harmonia e clareza. E para tal pensamento, essas coisas aprazem os sentidos relacionados com a capacidade de conhecimento dos homens, direcionando-as para a propriedade da razão humana.

Os sentidos perceptivos dos homens, a saber, a visão e a audição, que estão relacionados à capacidade de conhecimento relacionam a contemplação com a capacidade cognitiva humana. Como quando dizemos que algo é belo, submetemos objetos que satisfazem as nossas necessidades ao sentido da razão, vista pelo autor como uma virtude. Sendo os sentidos do paladar, olfato e tato voltados para aquilo que é bom (AQUINO, 1264/2012).

### 3.4 ARTHUR SCHOPENHAUER (1788 – 1860)

Em relação à estética, Schopenhauer (1818/2012) aborda como através da arte o sujeito encontra satisfação através da apreciação de algo belo. Para o autor, esta satisfação ocorre devido a cessação da vontade, neste momento o sujeito encontra a ideia do objeto enquanto ideia puramente platônica, e, aquele exposto a esta, toma consciência de si enquanto sujeito puro do conhecimento e não como indivíduo conduzido pela vontade.

O autor ainda indica como todo querer surge a partir de uma necessidade, ou seja, da privação a algo, o que equivaleria ao sofrimento e a angústia, e no momento da satisfação dessa necessidade há o fim desse sofrimento. Tais concepções são fundantes no pensamento schopenhaueriano, onde a vontade é vista como a angústia de estar sempre em busca de algo que nunca será possível ser alcançado, pois aquele que deseja não encontrou aquilo desejado e, portanto, ainda é privado de algo.

Desses dois componentes do modo de conhecimento estético resulta também a SATISFAÇÃO despertada pela consideração do belo, e, na verdade, satisfação mais em face de um ou de outro, conforme o objeto da contemplação. Todo QUERER nasce de uma necessidade, portanto de uma carência, logo de um sofrimento. A satisfação põe um fim ao sofrimento. (SCHOPENHAUER, 1818/2012, p.206, grifo do autor).

No momento da contemplação o sujeito se torna livre do querer e da vontade, no estado de sujeito puro de conhecimento livra-se de paixões e sentir-se-ia sereno e reconfortado pelo

aniquilamento desse sofrer frente a essa satisfação, mesmo que por poucos instantes. (SCHOPENHAUER, 1818/2012).

Na filosofia do autor, particularmente, tem-se passagens em que ele indica sua vontade de nada ou um direcionamento ao nada, até mesmo suas considerações acerca da cessação da vontade podem ser vistas a partir dessa perspectiva. O que demonstra, talvez, uma forma de pensamento muito semelhante a presente numa perspectiva niilista de desejo ou direcionamento para o vazio. Nos escritos do autor têm-se passagens como esta:

Quando nos perdemos na consideração da grandeza infinita do mundo no espaço e no tempo, quando meditamos nos séculos passados e vindouros, ou também quando consideramos o céu noturno estrelado, tendo inumeráveis mundos efetivamente diante dos olhos e a incomensurabilidade do cosmos se impõe à consciência – sentimo-nos nessa consideração reduzidos a nada, sentimo-nos como indivíduo, como corpo vivo, como fenômeno transitório da Vontade, uma gota no oceano, condenados a desaparecer, a dissolvermo-nos no nada. (SCHOPENHAUER, 1818/2012, p. 217-218).

Essa consideração acerca da aniquilação do sujeito no nada, frente a contemplação da arte, se parece com um direcionamento niilista diante de toda forma de expressão estética e artística que mostraria um sujeito direcionado ao nada e ao aniquilamento, enquanto desejos buscados durante a exposição às formas artísticas. Fatores esses que Nietzsche frequentemente critica em sua filosofia quando se referindo à filosofia schopenhaueriana (1872/2011; 1882/2008; 1887/2009).

Porém, como apontado por Salviano (2001), o termo niilismo está completamente ausente nos escritos de Schopenhauer, o que se pode fazer pensar como o filósofo aborda a questão do nada sem se direcionar precisamente pela questão do niilismo. Ademais, tendo em consideração o pensamento de Nietzsche, é possível interpretar esta como uma demonstração da presença do niilismo na Modernidade, expressa através do aniquilamento da vontade no pensamento de Schopenhauer, mesmo que o autor ainda tenha em si uma concepção de ideia por uma perspectiva platônica.

### 3.5 FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844 – 1900)

Em seu livro *O Nascimento da Tragédia* (1872/2011), Nietzsche aborda a questão da arte tendo em vista sua percepção em relação ao que chama apolíneo e dionisíaco, que compreenderiam duas formas de relação e reação ao mundo das artes. O apolíneo voltado para o visível e palpável estaria direcionado a uma relação estética e, apesar de tudo, não tão realista tendo em vista o mundo, seria uma relação ilusória na arte. Já o dionisíaco seria uma

embriaguez, relacionado às formas de arte não visíveis ou palpáveis, melhor representada na música segundo o que o autor expõe, proporcionaria ao sujeito uma verdadeira relação com a arte e a realidade, uma realidade de angústia ou até mesmo aniquiladora. Uma relação de êxtase e transcendência para os que podem experimentar essa forma de contato com o mundo artístico.

Para Nietzsche, a música representa um aspecto singular na experiência artística pois, por não possuir nenhum aparato na imagem, permite ao artista entrar em contato com o que o autor chama de “Um primordial”, uma espécie de sentimento ou sensação, até mesmo um êxtase, com a qual é possível entrar em contato através dessa que é a forma principal da arte dionisíaca. Nesse contato, o sujeito torna-se um com toda sua experiência e instintos, podendo-se entrar em contato também com toda sua dor e sofrimento, como forma de ver verdadeiramente o mundo e a experiência daquele que passa por tal êxtase. “O artista plástico bem como o artista épico, seu parente, ficam imersos na pura contemplação das imagens. Sem o auxílio de qualquer imagem, o músico dionisíaco é total e unicamente sofrimento primordial e eco primordial desse sofrimento.” (NIETZSCHE, 1872/2011, p.49).

Durante seu livro, Nietzsche discorre como através do apolíneo há uma libertação do sofrer pelas aparências e pelo sonho, por aquilo que é estético e a relação com a beleza, mas que no dionisíaco, sem imagens e apenas com embriaguez enquanto identificação mística, o sujeito entra em contato com sua angústia e dor primordial, fazendo-o experimentar e ser esse sofrimento como um todo. Tal relação com a angústia parece ser fundamental para entender a relação da arte com o niilismo, na medida que o niilismo enquanto perspectiva que direciona ao nada, como exposto anteriormente, pode ser visto como o contato com o vazio e a angústia, e, nesse sentido, a arte permitiria ao artista ou a quem contempla suportar a angústia de existir. Como exposto por Nietzsche, os gregos, que seriam tão propensos ao sofrimento, suportavam a existência graças a sua relação com os deuses Apolo e Dionísio (NIETZSCHE, 1872/2011).

Segundo Nietzsche, existe na tragédia uma relação dos gregos com o imaginário, mas não somente isso, nela há a presença de uma realidade que os próprios gregos experimentam. E através da arte os homens podem se sentir libertos de tudo aquilo que os aprisiona, não somente no quesito estatal, mas também das relações entre si. Durante o estado de êxtase experimentado através da contemplação artística entrar-se-ia em contato com uma natureza primordial para os homens, e principalmente através da música, como expresso pelo autor, seria possível “sentir o mais leve e o mais cruel sofrimento” (1872/2011, p. 61).

Um fator que Nietzsche aponta em seu livro é a morte da tragédia, que devido a isso deixa no indivíduo grego um vazio existencial. Sem a tragédia não era possível expressar diversos sentimentos e sensações que não tinham outra forma de expressão, isto pode indicar

como a partir desse ponto o mundo estético rumo a outra direção, podendo ser identificada por diversos outros autores através da relação da arte com a beleza estética enquanto sublime, o belo, e a relação com deus, principalmente o deus cristão.

O contato com a arte parece ser extremamente necessário a partir da perspectiva em que o sujeito entra em contato com fatores da existência que nem mesmo a ciência poderia dar conta, talvez se traduza aqui acerca da morte. Essa limitação que, segundo afirma o autor, o ser humano entra em contato em diversas partes de sua vida devido ao seu contato com a ciência só pode ser suportada através do contato artístico, como expresso:

Quando, cheio de espanto, vê nesse limite extremo a lógica se enrolar sobre si mesma como uma serpente a morder-se a cauda – então surge diante dele a forma nova do conhecimento, o *conhecimento trágico*, do qual lhe é impossível suportar unicamente o aspecto, sem a proteção e o auxílio da arte. (NIETZSCHE, 1872/2011, p. 109, grifo do autor).

Nietzsche também aborda como através do apolíneo e do dionisíaco entra-se em contato com a existência e com a paixão por ela, assim como a possibilidade de ambas características, apolínea e dionisíaca, coexistirem em certos momentos da expressão artística. Através dessa contemplação dionisíaca tem-se um prazer irrefreável pela vida e mesmo na música dionisíaca é possível transmitir uma imagem alegórica através da capacidade imaginativa do sujeito, ou seja, ocorre a expressão de um sentimento dionisíaco através de um suporte apolíneo que pode ser representado pela beleza e harmonia das formas.

Mas também devido ao contato do dionisíaco com esses “instintos naturais” e essa força primordial discutida pelo autor, também se tem necessário que o apolíneo refreie tais desejos para não recair em excessos: “[...] é unicamente uma admirável aparência, isto é, essa *ilusão* apolínea que nos livra da opressão e do excesso dionisíaco.” (NIETZSCHE, 1872/2011, p. 150, grifo do autor). Sendo assim, esses impulsos se unem e se complementam, seja por vezes para não aniquilar o sujeito frente a realidade de um sofrimento, seja para impulsionar as sensações e a significação da arte em si.

### 3.6 WALTER BENJAMIN (1892 – 1940)

O texto de Walter Benjamin (1989/2012) possui cunho de crítica política na medida em que aborda questões acerca do resultado da cultura moderna de reprodução nas formas de expressão artística. Inicialmente, o autor discute como a questão da possibilidade da reprodutibilidade técnica afeta o caráter tradicional da arte e da estética. Já que ao abrir a possibilidade da reprodução, a arte perde seu caráter de originalidade presente na sua forma de

“aqui e agora”, sendo também uma forma de deturpar o que o autor chama de aura da arte. Sendo assim, o seu significado, seu propósito, e aquilo que ela transmite é alterado devido a atual possibilidade de sempre reproduzir uma arte.

Segundo apresenta, as obras passam a perder sua ideia original, passando de uma arte única e de difícil reprodução para uma nova forma de arte, feita agora unicamente com propósito de ser reproduzida, usando como exemplos a fotografia e a cinematografia: “A obra de arte reproduzida se torna cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para a reprodução. Da chapa fotográfica, por exemplo, é possível extrair várias cópias; a pergunta pela cópia autêntica não faz sentido.” (BENJAMIN, 1989/2012, p. 287-288).

O fato da arte perder seu significado originário, para o autor, atribui às formas de arte uma nova significação: a política. O intuito da arte como uma forma de culto, principalmente relacionado a religião, se perde, não teríamos mais obras voltadas para o culto de deus em si, mas sim outras representações. Uma representação a partir de uma fotografia serviria para cultuar a imagem de alguém querido que haveria partido, seja devido à distância ou por falecimento. Ou então, poder-se-ia ver o registro de algo considerado marcante enquanto valor histórico, tendo em vista um processo político (BENJAMIN, 1989/2012). Nesse processo, poderíamos relacionar a queda dos valores religiosos expressos por Nietzsche (1882/2008) para a substituição por outros valores como determinados a partir da percepção dos homens, cabendo aqui até mesmo um valor enquanto sentido existencial frente a esse desamparo metafísico.

A possibilidade de aperfeiçoamento de obras, como no cinema, também é abordado enquanto processo de mudança das formas artísticas, já que antigamente poderíamos pensar na dificuldade que se teria de alterar características de uma obra, como uma escultura em mármore ou uma pintura, mas quando se refere a cinema pode-se simplesmente refazer a tomada e isso mostra como os sujeitos abdicariam da eternidade: “*O filme é, portanto, a obra de arte mais aperfeiçoável. Tal perfectibilidade se relaciona com a abdicação radical do valor de eternidade.*” (BENJAMIN, 1989/2012, p. 293, grifo do autor).

Também indica como no cinema o diretor poderia decidir até mesmo por enganar o ator tendo por desejo fazer uma cena perfeita, assustando-o para ter a reação da forma desejada. E tais afirmativas deixam transparecer como as formas de arte perderam seu caráter de reprodução do belo e agora tomam forma para algo que vai além disso, seja a necessidade de perfeição de algo, ou enquanto forma de expressão e o sentido de sua reprodução para o bem de seu resultado final.

A busca por coisas que não são belas e a reprodução do grotesco também é abordado pelo autor, indicando como tais coisas podem ser vistas como busca por uma catarse inconsciente:

O violento acúmulo de acontecimentos grotescos consumidos no cinema é uma indicação drástica dos perigos que ameaçam a humanidade a partir dos recalques que a civilização traz consigo. Os filmes grotescos americanos e os filmes de Walt Disney geram uma explosão terapêutica do inconsciente. (BENJAMIN, 1989/2012, p. 308).

O autor expressa haver uma busca pelo grotesco ou por diversos efeitos diferentes, através de obras dadaístas ou no cinema, pintura e literatura, onde os artistas degradam os produtos de sua arte e aniquilam a aura da obra de forma proposital (BENJAMIN, 1989/2012). Tal busca parece indicar um forte direcionamento da sociedade para uma forma niilista da cultura, uma cultura voltada para uma arte disforme ou vazia, e até mesmo grotesca, abordando temas antes considerados como indignos da arte, como expresso por autores como Tomás de Aquino (1264/2012) onde a arte estaria ligada diretamente com deus.

#### **4 O NILISMO NA SUBJETIVIDADE DO ARTISTA**

Ao tomar por base a filosofia nietzschiana que compõe a crítica à Modernidade e apresentando o breve desenvolvimento do pensamento como exposto anteriormente pela perspectiva de vários teóricos, é visível como as leituras filosóficas partiram de uma questão de pensar o que era melhor para a juventude e, passando pelas ideias religiosas do advento de deus, seguiram até uma filosofia que trata principalmente de angústia e da libertação desse sofrer, como apresentado por Schopenhauer (1818/2012) e pelo próprio Nietzsche (1872/2011).

Nietzsche teceu, em seus escritos, diversas críticas a alguns teóricos anteriores a ele. Iniciando por Sócrates a quem atribuía a decadência da tragédia e cultura grega, principalmente devido à sua necessidade de delimitar tudo através de palavras e razão, e principalmente aos teóricos gregos que cindiram a experiência, pensando em um mundo de ideias, e esquecendo do mundo como conhecemos (NIETZSCHE, 1872/2011). Principalmente a partir daí, a crítica advém do fato de vários teóricos tentaram seguir os passos dos gregos ou entender as características humanas através da razão pura, negação da vida terrena ou por uma tradição moral, principalmente a cristã, fatores repudiados por Nietzsche. Também como no exemplo de Schopenhauer na negação da vontade, utilizando-a como foco de sua teoria, e em seu pessimismo que Nietzsche veria como uma negação para a vida (NIETZSCHE, 1882/2008).

Alguns teóricos posteriores a Nietzsche se basearam na sua filosofia para desenvolver seu pensamento, tendo a exemplo disso Heidegger, ao discorrer sobre como para ele o niilismo é uma consequência de um processo histórico (CASANOVA, 2012), e Cioran (1949/2011) que desenvolveu seu pensamento voltado para as angústias da existência e a relação dessa com as artes. Até mesmo os escritos de Benjamin (1989/2018), apresentando um pensamento que se assemelha à crítica moderna quando demonstra uma crítica à reprodução técnica das artes presente na Modernidade que esvaziam parcialmente os sentidos que essas obras teriam anteriormente.

Usando tais visões, percebe-se que uma problemática presente na Modernidade, como expresso através da crítica de Nietzsche do tempo do niilismo, é a questão do sujeito que agora encontrar-se-ia com o nada e o vazio de sua existência.

Collares (2010), expõe como na teoria nietzschiana está presente uma crítica à *décadence* na modernidade, e que esta estaria também nas expressões artísticas. Tal visão, como abordado pela autora, indicaria como durante a Modernidade perder-se-ia o vigor pela vida e rumaria a existência humana para uma destruição e o crescimento da abordagem de questões como anarquia e caos, voltando-se para o entorpecimento do sujeito moderno cansado de sua existência. O sujeito moderno perde-se em meio aos desejos e ideais modernos, sendo que seria necessário ao contrário da resignação, lutar contra tais sensações e percepções e aceitando sua condição.

Como alguns autores indicam, a era moderna é marcada por um sujeito vazio e sem subjetividade, perdido no meio da dinâmica social, permeado por uma liquidez de relações onde tudo se esvai com o tempo e com a mudança constante e frenética contemporânea, esse novo sujeito está em busca constante pela felicidade (OLIVEIRA; TRINDADE, 2015).

Segundo Figueiredo (2007) demonstra, após o Iluminismo o crescimento e exteriorização da esfera e das experiências privadas foi amplamente estimulada. As formas de expressão artística e até mesmo os pensamentos e estruturas filosóficas permearam a esfera individual e privada dos sujeitos, isso permitiu a expansão e exploração do mundo psicológico que agora se tornaria um lugar de investigação. Considerando também a expansão desse aspecto individual e a percepção de como essa esfera age, se estrutura e desestrutura, ver-se-ia sua relação com o mal-estar presente no subjetivo. Todos esses aspectos foram formando o que vemos hoje enquanto modos de subjetivação modernas (FIGUEIREDO, 2007).

Furtado e Szapiro (2018), apontam para como no início da Modernidade os sujeitos, especificamente os escritores, passam a explorar mais seu mundo interno, fator que traz uma nova forma de lidar com sua subjetividade e com o sofrimento, abordando isso com muito mais

profundidade, o que é demonstrado através de várias obras literárias que surgem nos tempos modernos, tendo agora narradores que sofrem, são solitários e até mesmo morrem no decorrer dos enredos desenvolvidos por esses escritos. E que, porém, durante a era contemporânea aumenta-se a busca por uma felicidade e a exigência de um indivíduo feliz toma a cena durante o desenvolvimento da nova cultura, onde se exhibe o sucesso e o bem-estar. Nesse momento, parece entrar em conflito a percepção do vazio da existência e a exploração do sofrimento individual e subjetivo, com a necessidade de ser e se mostrar feliz, parecendo entrar em contraste a experiência dos sujeitos e aquilo explorado e exposto através das novas formas da cultura.

Outros autores, quando tratando acerca dos efeitos da Modernidade no homem, indicam como o sujeito em meio a tantas alterações presentes no modo como se lida com as mudanças no mundo, o indivíduo autocentrado, esvaziado e com relações sociais perdidas, é direcionado para um crescimento do sofrimento e de questões como a depressão, que seria vista como um mal atual (DANIEL; SOUZA, 2006).

Diante disso, cabe pensar o que há no sujeito que, partindo do momento que entra em contato com uma experiência mais individual e voltada para si, acaba por desenvolver questões como depressão e o esvaziamento de relações e sentidos? Seguindo a perspectiva do niilismo, o sujeito não tem mais amparo em deus, nem mesmo em outros sujeitos de suas relações pessoais e agora entra em contato com a realidade de sua existência, vazia, e isso afeta diretamente a subjetividade desses indivíduos.

Neste cenário caótico e de conflitos internos e externos, quando referindo à questão da angústia ou da necessidade de felicidade, tem-se a construção de um novo significado e a elaboração criativa a partir de sua experiência. Como feita através dos artistas, sujeitos que, como exposto através da filosofia nietzschiana, criam e elaboram uma forma de viver e explorar seu sofrimento, buscando enfrentar a realidade.

Cioran (1949/2011), por vezes, em sua filosofia densa, aborda a angústia da existência e a questão do sofrimento, deixando, porém, o caminho dos artistas como o único caminho daqueles que não são esmagados através da tomada de consciência, nem iludidos ou perdidos em meio à frivolidade do mundo moderno, mundo esse que é cego para a insignificância do seu ser e do sofrimento de existir. Segundo o autor, os artistas não mentem totalmente sobre a realidade, principalmente porque não mentiriam sobre outros, mas apenas sobre si. Assim sendo, o poeta cria e fala sobre si principalmente, e isso seria digno de admiração.

Nesse sentido, algumas questões a serem tratadas são: como se expressa essa angústia do ponto de vista do artista; qual a função da arte na vida desse sujeito; e como isso se relaciona

com a expressão do vazio sentido pelo sujeito moderno? Em um sentido plenamente nietzschiano, a arte, ou o propósito criativo, é o que dará sentido para essa nova existência, sem deus e de frente para o mundo, criar é o que permite o sujeito suportar a existência.

Como expresso por Guervós (2018), a arte é a forma de o artista transcender o niilismo, tal como proposto por Nietzsche, através do princípio criador é possível criar sentido e direções para a existência do sujeito. O artista não produz somente a arte, mas também a si mesmo, e desse viés, o artista também é uma criação de si, ele se torna sua própria obra de arte.

Através da arte, após o abandono de seu único propósito decorativo, teríamos uma arte com fins comunicativos, visando expressar algo do próprio artista, a projeção de seus sentimentos e experiências está presente na obra criada e contemplada, a arte se torna representativa de algo presente na experiência do sujeito submetido a ela (PEREIRA, 2012). Assim sendo, através dessa mesma arte temos um sujeito que visaria externalizar sua angústia frente a vida e a existência, a angústia do vazio existencial e até mesmo o encontro com tal vazio, mesmo que, como exposto por Nietzsche (1872/2011) em sua ideia de arte dionisíaca quando tratando da arte grega, o sujeito faça isso de uma forma não completamente percebida frente a seus instintos primordiais.

Ao discorrer sobre o campo da estética por um ponto de vista psicológico, Suassuna (2009), apresenta o estudo da beleza e da criação enquanto fenômenos psicológicos, o que seria indicado por Fechner como única forma possível de analisar os processos de beleza enquanto experiência, levando então a abordar o estudo dessa disciplina enquanto parte de uma psicologia experimental ao analisar as experiências daqueles que criam e contemplam a obra de arte.

E ao aprofundar esse campo de conhecimento o autor aponta como Lipps sistematiza esse ramo de estudo tendo em vista a experiência de uma forma puramente subjetiva, com isso abordaria o fenômeno criativo e apreciativo enquanto formas de projeção daqueles sujeitos expostos a forma de arte (SUASSUNA, 2009).

Ou seja, não só o artista ao criar uma nova obra estaria tentando exprimir algo visto como intrínseco de seu ser e de sua experiência enquanto sentimentos e percepções, como também aquele que contempla a obra passaria por um processo semelhante.

A ideia central da Estética da “projeção sentimental” consiste em considerar o fundamento da criação e da fruição artísticas como uma exteriorização dos impulsos interiores do artista ou do contemplador: ao criar a obra, o artista projeta, nela, o conjunto de sua consciência; mais ainda: o artista como que se metamorfoseia na obra, identificando-a consigo mesmo, com os traços profundos de sua vida psicológica interior. Ao se colocar diante da obra, acontece o mesmo com o contemplador: ele se identifica com ela, transformando-se nela, projetando, na obra, sua psicologia profunda, os movimentos de sua consciência. (SUASSUNA, 2009, p. 375).

Esse fator se mostra fundamental para a compreensão daquilo que foi exposto anteriormente enquanto movimento das formas de arte pelos princípios filosóficos abordados. Tendo em vista principalmente a visão de Aristóteles (2012) do processo de “Catarse”, todo indivíduo exposto às formas de arte no momento de sua apreciação estaria projetando seus sentimentos na obra, não somente no sentido catártico da experiência onde libera seus sentimentos, mas no princípio de identificação de sua vida psíquica com a do autor e do momento criativo da obra.

Assim sendo, as obras que expõem toda espécie de sensação ou experiência, dolorosa ou prazerosa, boa ou ruim, no momento de sua apreciação entraria em contato com o mundo interior daquele que a observa, ouve ou sente. Tendo por base a teoria do niilismo, no momento em que o sujeito se depara com uma obra que represente o vazio ou a angústia do artista, também estaria entrando em contato com seu próprio vazio e angústia. Ponto esse apresentado por Nietzsche (1872/2011) ao discorrer sobre a experiência da arte dionisíaca que permitiria o sujeito entrar em contato com seus instintos mais naturais e primitivos. De encontro com a consciência da realidade, poderia liberar tais sensações e sentir-se-ia melhor com a existência e a realidade que o rodeia.

Outro ponto abordado por Suassuna é a perspectiva explorada por Worringer, chamada estética da abstração, em que existiria outro tipo de artista que não estaria interessado em simplesmente projetar seus sentimentos e sensações no mundo exterior, mas que primordialmente buscaria nesse processo criativo e contemplativo uma outra espécie de satisfação. Nesse caso, o artista sentiria o mundo e suas próprias experiências enquanto desordenadas e caóticas, e através do processo criativo ou contemplativo daria ordem a tudo isso. Essa perspectiva buscaria uma espécie de “fuga” do mundo exterior ou talvez um apaziguamento de diversas angústias sentidas por aqueles que estão expostos às diversas formas de arte (SUASSUNA, 2009).

Mas existe um outro tipo que vê o mundo e sua própria vida interior como uma espécie de caos desordenado cuja contemplação só pode causar desgosto. Estes artistas preferem criar um outro universo, mais puro porque mais abstrato e mais afastado, tanto das formas caóticas do mundo, quanto de sua desordenada e impura subjetividade. (SUASSUNA, 2009, p. 379).

Retomando a questão do desenvolvimento das religiões como abordado anteriormente, as obras anteriores a Modernidade, principalmente quando voltadas para um cunho religioso, poderiam ter essa visão que não seria possível suportar a realidade de sua existência prática e por isso iriam se destinar a representações religiosas e representativas da relação do homem

com deus, assim como abordado por Aquino (1264/2012), para assim poder encontrar um propósito para a sua existência em uma experiência transcendental.

Porém, com a queda dos valores religiosos seria agora possível entrar em contato com a criação de um novo mundo, mesmo que buscasse fugir da realidade prática do mundo experienciado, cair-se-ia na necessidade metafísica de suporte de mundo ideal em uma perspectiva puramente platônica, mesmo que esse novo mundo seja tão desamparado quanto o primeiro.

Ao analisar a filosofia nietzschiana, Collares (2010), aborda como a arte do tempo de Nietzsche era criticada por ele mesmo por possuir uma experiência estética empobrecida devido à ausência de relação das obras daquele tempo com a experiência de vida dos sujeitos, nessa perspectiva caberia às artes terem relação com a vida dos homens e não servirem apenas para entretenimento. Essa relação se parece com aquela apresentada por Suassuna (2009), onde a experiência estética teria como cerne a projeção de sentimentos e do mundo interno do autor da obra, que posteriormente também se relacionaria com a experiência interna daqueles expostos a tais formas de expressão artística.

Porém, como exposto em relação ao empobrecimento desta experiência:

Neste sentido, a arte moderna teria em seu cerne o efeito de “remédio ou narcótico”, como se através dela “fosse possível se desfazer de todas as outras misérias”. Portanto, o torpor da estética moderna seria um dos fatores que enfraqueceria o homem; a arte funcionaria como peça de uma engrenagem que alienaria o homem de suas mais profundas necessidades, traria o artifício de “chamar o que é infelicidade de felicidade”, produziria nele necessidades aparentes direcionadas para o consumo, para o supérfluo da cultura, produzindo, por conseguinte, sensações inautênticas. (COLLARES, 2010, p. 47).

Tal afirmativa, apresenta como desde a época de Nietzsche está presente uma crítica a fragilidade da experiência humana na Modernidade, a liquidez das relações e a alta mutabilidade da dinâmica social como apresentado por Oliveira e Trindade (2015). Benjamin (1989/2012), ao discorrer sobre o lugar da arte no período da reprodutibilidade técnica também apresenta uma crítica semelhante, porém indicando como devido a esse esvaziamento a arte passa a ter outros papéis, como o histórico e o político.

Também pode-se pensar na relação da arte agora com o mundo interno dos sujeitos modernos e a sua grande necessidade de perfeição ou felicidade. Benjamin (1989/2012), apresenta a perspectiva da busca da arte perfeita ao discorrer sobre a experiência do mundo do cinema, e Furtado e Szapiro (2018) sugerem que na era moderna os artistas voltam-se para o seu mundo interno. Portanto, na Modernidade, período em que o sujeito se volta para sua experiência interna e busca constantemente por felicidade e perfeição, tais experiências passam

a ser expressas no mundo artístico através das novas formas de arte e da nova dinâmica social, fatores que podem apontar para uma presença maior de formas de arte que se direcionem para o vazio existencial e o niilismo, pontos muito presentes na modernidade como expresso através da crítica nietzschiana.

Na filosofia de Nietzsche, o que pode fazer frente a uma existência sem sentido e sem propósito é a experiência artística. Essa que, frente a realidade da modernidade vazia, desenvolve no sujeito sua capacidade criativa e expurga suas angústias, sendo melhor representado na passagem: “[...] é somente como *fenômeno estético* que podem ser *justificados* eternamente a existência e o mundo;” (NIETZSCHE, 1872/2011, p. 52, grifo do autor). Através da arte e da experiência estética atribui-se um sentido, como uma forma de significado, para a existência e torna possível para o sujeito moderno viver e perceber-se no mundo. Somente assim, o mundo e a beleza terrena voltam a ser percebidos na ótica humana de forma prioritária, após a mudança de valores ocorrida pelo desenvolvimento do pensamento moderno que afetou de forma profunda o ser e seu devir.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O niilismo pode ser visualizado como uma negação para explicações suprassensíveis ou metafísicas para a existência, como abordado pelos literários russos, ou como uma doença que marca a passagem de valores que Nietzsche explica através de seus textos. É visto como uma atitude de negação para a vida e para a existência humana, sendo criticada por Nietzsche que acredita na possibilidade de afirmação constante da vida como circunstância primordial da humanidade.

E apesar dos escritos de Nietzsche abordarem o niilismo enquanto fator da Modernidade, parece-nos de outra forma, já que, como pode ser visualizado em Aristóteles (2012), na arte grega eram abordados temas negativos e repugnantes visando a catarse de sentimentos semelhantes. Talvez o contato com a existência niilista tenha se estabelecido através da tragédia grega, e com a morte dessa entra em cena a nova relação estética da negação do feio e da angústia, que viria a ressurgir na modernidade com a morte de Deus professada por Nietzsche em seus escritos, já que não seria mais necessário a presença de uma divindade para que subsistam razões para viver, e agora criar os próprios valores e caminhos é essencial para a humanidade.

Com Tomás de Aquino (1264/2012) é possível perceber como se tenta abordar unicamente aquilo que é belo para estabelecer nisso uma relação direta com a existência divina.

Porém, não se encerra aí a extensa relação artística com os diversos conteúdos que podem ser abordados, sejam eles o belo, o risível ou o feio. Devido a esta grande diversidade de possibilidades sobre os aspectos estéticos da arte e dos seus conteúdos, seria adequado um estudo mais aprofundado abordando os tipos de conteúdo explorados nas diversas obras artísticas e as motivações por trás dessas. Apesar de parecer-nos que se buscavam outras explicações para o fascínio humano nestes assuntos para não ir de encontro com a cultura extremamente religiosa da Idade Média, onde a ausência das relações religiosas poder-se-ia ser vista como ato de heresia e punível com a morte.

Com a Modernidade e o Iluminismo, que retira esse foco nas religiões, as falhas e os aspectos mais humanos da experiência entram em cena, deixando o vazio existencial cada vez mais premente como pode ser visualizado nos escritos de Schopenhauer (1818/2012) e Cioran (1949/2011). Aqui a cessação da vontade aniquila a percepção do sujeito da existência e permite que, frente a esse vazio, tenha a anulação de suas necessidades durante a contemplação artística. Nietzsche crítica esse desejo de nada e acredita que na contemplação os homens entram em contato com instintos primordiais e destrutivos, quando não controlados através da forma apolínea, inclusive permitindo entrar em contato com a realidade da existência por meio da arte dionisíaca.

Devido a esse vazio existencial constante, e a ausência da religião, novos aspectos da arte vão surgindo, como exposto por Walter Benjamin (1989/2012), e agora a necessidade do amparo em situações psicológicas específicas torna-se necessário para que o sujeito consiga lidar com a existência, como é visível em Suassuna (2009) ao abordar a questão da projeção e da fuga da realidade através da experiência estética.

Nietzsche (1872/2011) já abordava sensações semelhantes quando discorria sobre a experiência apolínea e dionisíaca, sendo que uma deveria amparar a outra para que os indivíduos não fossem esmagados pela percepção extrema e aniquiladora da realidade vazia. E apesar de sua filosofia abordar a aceitação da situação humana e terrena, desamparada enquanto forma afirmativa da vida, o autor parece, por vezes, em sua contradição, acreditar que não é possível suportar a completude desta experiência e por isso seria necessário perder-se em ilusões e embriaguez, também semelhantes a fuga exposta por Suassuna (2009).

Por fim, na Modernidade, vazia e despropositada, a arte expressa cada vez mais essa angústia sentida pelos sujeitos que se sentem desamparados na existência. Já que, por sua vez, não somente a experiência interna dos indivíduos é mais explorada, mas também as questões existenciais da experiência humana. O niilismo se aprofunda e a humanidade enfrenta o alastramento da individualidade e da angústia do vazio existencial, identificado entre vários

sujeitos que buscam na arte a catarse destas sensações e sofrimentos. Sendo, então, a arte um fator fundamental da experiência humana para lidar com esses aspectos da existência.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, Tomás de. Contra gentios e Suma teológica. *In*: Rodrigo Duarte (Org.). **O Belo Autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2017. p. 59-66.
- ARALDI, C. L. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, n. 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: <[http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn\\_05\\_05%20Araldi.pdf](http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_05_05%20Araldi.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- ARISTÓTELES. Poética. *In*: Rodrigo Duarte (Org.). **O Belo Autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2017. p. 29-44.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: Rodrigo Duarte (Org.). **O Belo Autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2017. p. 277-314.
- CASANOVA, M. A. O homem entediado: niilismo e técnica no pensamento de Martin Heidegger. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 183-223, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/3824/2653>>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- CIORAN, Emil. **Breviário de Decomposição**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.
- COLLARES, Regiane Lorenzetti. **Por uma filosofia transvalorativa**: A crítica da consciência moderna em Nietzsche. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4781/3221.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 out. 2019.
- DANIEL, C.; SOUZA, M. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 117-130, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 out. 2019.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500 – 1900). 7 ed. São Paulo: Escuta, 2007.
- FURTADO, M. A.; SZAPIRO, A. M. Escrita de si e interioridade: deslocamentos na relação com o sofrimento na contemporaneidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 15-36, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 out. 2019.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. O antiniilismo estético e a superação do niilismo. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 11-19, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-82422018000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422018000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 ago. 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche II**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia**. 2 ed. São Paulo: Escala, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. 2 ed. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

OLIVEIRA, A. L; TRINDADE, E. Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 7, n. 1, p. 30-38, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2015000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 out. 2019.

SALVIANO, Jarlee Oliveira Silva. **O niilismo de Schopenhauer**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Dissertacoes/TDE.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Dissertacoes/TDE.pdf)>. Acesso em: 07 out. 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação. *In*: Rodrigo Duarte (Org.). **O Belo Autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2017. p. 203-226.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PEREIRA, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 183-198, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072012000100012&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100012&lang=pt)>. Acesso em: 12 out. 2019.

PLATÃO. A República. *In*: Rodrigo Duarte (Org.). **O Belo Autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2017. p. 11-28.